

As viagens multifacetadas em *Trajétoria em Noite Escura* do autor japonês Naoya Shiga

Neide Hissae NAGAEⁱ (FCL – UNESP – Assis)

Introdução

Tema inesgotável da Literatura Universal, a viagem é também uma presença marcante na Literatura do Japão, a qual mantém uma relação íntima com a Natureza. Assim é *Tosa Nikki*, *Diário de Tosa*, a primeira obra a inaugurar o gênero em 905, desenvolvendo uma narrativa de viagem centrada nos poemas *waka* de trinta e uma sílabas, poemas estes que serviram como ponto de partida para a prosa e a sua diversificação em outras formas literárias tipicamente japonesas. Desse modo, mapear as riquezas naturais paisagísticas e culturais das localidades presentes nas obras é quase um lugar comum na Literatura Japonesa. Livros e manuais mostram esse imenso manancial utilizado por autores de todas as épocas, que destacam as belezas naturais e os pontos pitorescos na geografia do arquipélago nipônico e que não se restringem a utilizá-los simplesmente como cenários de suas obras.

An'ya Koro, *Trajétoria em Noite Escura*ⁱⁱ, é um romance de Naoya Shigaⁱⁱⁱ (1883-1973), autor japonês que usou e abusou do tema da viagem também enquanto deslocamento espacial em muitas de suas obras. Nesse aspecto, Naoya segue o modelo dos japoneses que vêm na viagem e na natureza, sobretudo na viagem que leva em conta a imersão na natureza, uma forma de isolamento do mundo e da sociedade para se atingir um nível de elevação espiritual. No romance de Shiga, o cronotopo literário da estrada apresenta certo significado sócio-político, diferentemente do herói mencionado por Bakhtin (1988) que assume uma posição estritamente particular. Kensaku, o protagonista, passa por provações da vida e busca uma paz interior que é alcançada em contato com a Natureza e com as belas-artes japonesas, e os acontecimentos políticos e sociais são aludidos por meio de inserções aparentemente sem sentido e fora de lugar. O narrador de Shiga insere-os na paisagem, no pano de fundo de seu romance, como forma de denúncia velada da situação do Japão no período anterior ao último conflito que assumiu proporções mundiais. Ao contrário do que diz Bakhtin (1988) sobre os romances nos quais a essência dos acontecimentos político-sociais permanece de fora, na medida em que adquire significado devido à relação que possui com os acontecimentos da vida particular, em *Trajétoria* a vida pessoal do protagonista é resultado direto de dois momentos distintos na história social-política japonesa. Um deles diz respeito ao contexto de modernização e ocidentalização após a abertura do país no início do século XX, e o outro é um momento histórico resultante dos anseios expansionistas dos governantes da época em que é criado o Império Títere da Manchúria no continente Chinês quase quatro décadas depois.

A própria obra revelou-se um enfrentamento de crises da vida do autor que começou a escrevê-la em 1912 e publicou apenas uma pequena parte dela com o título de *Tokitō Kensaku*, nome este do protagonista da obra, ou seja, Kensaku Tokitō. Vinte e cinco anos foram necessários para que essa obra composta em Quatro Partes, que integram Dois Tomos, fosse publicada em 1937.

Escrita na terceira pessoa do singular, ela é uma obra curiosa por trazer um Prefácio em primeira pessoa intitulado “Reminiscências de Kensaku”, no qual o protagonista da obra, acostumado a injustiças desde pequeno, resgata lembranças de sua infância começando pelo relato do primeiro encontro com seu avô paterno aos seis anos de idade, fato esse ocorrido logo após a morte da mãe, a única pessoa por quem se sentia amado e protegido, e a guinada que ocorre em sua vida ao deixar o seio de uma família abastada junto ao pai, ao irmão mais velho e a irmã recém-

nascida para ir morar sozinho com esse avô, cuja existência era-lhe ignorada até então, num lugar desconhecido. Outros fatos de sua vida são narrados, mas para encerrar essas memórias da infância, é trazido à baila um episódio que o faz nutrir, ainda criança, um sentimento de desconfiança pelo pai que o ataca com frieza e ódio descomunal numa luta de sumô, que deveria ter sido uma brincadeira divertida entre pai e filho em seu primeiro reencontro desde que fora morar com o avô. “Que menino tolo!” é a expressão que fecha esse episódio e também o breve Prefácio dessa obra que tem a função de resumir e mostrar as incoerências da vida desse protagonista desprezado pelo pai.

Trajetória em Noite Escura como diz o próprio nome já anuncia a sua natureza envolta por um véu e é composta por muitas viagens que se desdobram em tantas outras. Estas poderiam ser divididas, pela sua natureza, em pelo menos três tipos concretos que ora servem como momento de revelação, ora como companheira de consolo e de recuperação ou de epifania e encontro consigo mesmo.

O primeiro tipo de viagem tem um intuito ou propósito positivo que gera conseqüências negativas e inesperadas. Nele encaixar-se-iam duas viagens feitas para fora do Japão e que são a espinha dorsal da obra. Já a viagem do segundo tipo tem um propósito positivo diante de situações negativas e traz soluções, serve como “cura” do espírito. A esse tipo pertencem as viagens realizadas dentro do país. Podemos dizer ainda que existe um terceiro tipo que está incluso nos dois primeiros e que remetem ao aspecto histórico-social ou cultural-artístico do mundo japonês.

As duas viagens causadoras dos infortúnios do protagonista

Shiga conduz o enredo de *Trajetória* com duas viagens que servem de fio narrativo e retratam momentos distintos vividos pelos japoneses. A vida de Kensaku, o protagonista, é regida por essas viagens e por outras decorrentes delas. A viagem que poderia ser denominada de primordial por ser a origem de tudo é a que o “pai” de Kensaku, na realidade seu meio-irmão, faz a Alemanha. Na obra, nada é mencionado em relação aos propósitos dessa viagem. Sabe-se apenas que foi uma bolsa de estudos por um período de três anos, mas esse único dado é suficiente para constatar que se tratou de uma busca positiva, uma oportunidade sem igual, numa época em que o governo japonês estava ávido pelo crescimento do país e estimulava intercâmbios com os países estrangeiros para a formação de recursos humanos. Muitos foram os japoneses que partiram para o exterior com tais propósitos, inclusive no âmbito dos escritores e literatos da época.

No romance, é dela que resulta o nascimento de Kensaku sob o estigma do infortúnio gerado pela relação adúltera da mãe e do avô paterno, mas o protagonista viverá um longo período ignorando sua origem bastarda, sentindo-se injustiçado e descrente em relação às pessoas.

Tal origem só será conhecida pelo protagonista quando ele decide, na Segunda Parte do livro, propor casamento a Oei, misto de avó postiça e madrasta, companheira bem mais jovem do avô. Ela tinha pouco mais de vinte anos quando Kensaku fora levado para a casa deles e continuou residindo com ela mesmo após o falecimento do avô. A decisão de desposá-la é fruto de uma estranha atração que ele, adulto e seguindo a carreira de escritor, sente por Oei no Primeiro Capítulo que começa em *média res* com o protagonista aliviado ao ler o desfecho de uma obra, cujo conteúdo não o agradara. A visita desse autor conhecido seu e de outro amigo também escritor, inicia a obra trazendo à discussão a ficcionalidade nas obras literárias e dando a conhecer a vida do protagonista na sua relação familiar e na rotina com os amigos.

A segunda viagem do primeiro tipo, ou seja, a que organiza o fio narrativo trágico do destino de Kensaku, é a que repete o ciclo de adultério na vida do protagonista, desta vez, da esposa com o primo dela quando Kensaku vai à Coréia. Essa viagem segue o mesmo modelo da primeira, não apenas no sentido de que é realizada com um intuito positivo, o de ajudar Oei trazendo-a de volta ao Japão, como também no local para onde é feita. O Continente Chinês foi uma terra de

oportunidades no momento em que o Japão avançava com seus sonhos expansionistas após conseguir o avanço tecnológico adquirido no contato com a Europa e os Estados Unidos, sobretudo a Manchúria. Foi para lá que Oei havia partido cerca de um ano e meio atrás tentar uma nova oportunidade de vida com sua prima, mas como ocorreu com muitos, não obteve sucesso naquele país sob domínio japonês.

Na ocasião, o protagonista já estava casado com Naoko e havia perdido o primeiro filho, vítima de erisipela. Durante a ausência do marido que durou entre uma semana a dez dias, Naoko recebeu a visita inesperada de Kaname, um primo com o qual flertara na infância e a quem acaba se entregando. Após o regresso de Kensaku, revela-lhe o ocorrido e, embora dizendo tê-la perdoado, o marido torna-se irritadiço. Trazida ao convívio do casal, Oei e Naoko mostram um bom entrosamento, e o casal vive um período de relativa tranquilidade até que a gravidez de Naoko é constatada. Após o nascimento da criança, Kensaku transfigura-se e seu descontrole culmina com um ato agressivo em relação à esposa. Diferentemente da primordial, que resulta no enredo da própria obra, esta fica na incógnita quanto a seu desfecho. A paternidade da menina Takako permanece desconhecida e também o seu destino quanto a ser criada por Kensaku ou não, pois essa é uma questão secundária.

As Viagens Curativas

A primeira das muitas viagens do segundo tipo é a que o protagonista resolve fazer a Onomichi, no final da Primeira Parte do livro e que ocupa praticamente toda a Segunda Parte, levado pela estranha atração que sente por Oei, mas justificada pela busca de um lugar tranquilo para escrever uma obra longa.

Numa época em que o Japão já possuía uma malha ferroviária bastante desenvolvida, Kensaku escolhe o navio para deslocar-se até esse novo espaço em Onomichi. A bordo do navio, Kensaku empreende também uma viagem na escuridão do mar sobre o convés numa noite fria, sentindo orgulho e ao mesmo tempo solidão e desamparo frente à Natureza que parecia tragá-lo com força poderosa. Nesse momento, o protagonista ainda não consegue vislumbrar o final do túnel, como que prenunciando a revelação tenebrosa que teria na cidade em que fora buscar paz.

Desembarca em Kobe, o segundo maior porto do Japão, na época e hoje, e rumo para o seu destino, deparando-se, é claro, com várias situações e histórias fascinantes. Durante a estada nessa cidade litorânea, o protagonista visita vários pontos pitorescos próximos e circunvizinhos. Takahama, Dōgō, Ujina, Hiroshima. São quatro dias de viagens que têm como pretexto o tempo para a sua bagagem chegar de Tóquio.

Assim, essa primeira viagem, realizada com um propósito definido e desdobrada em muitas outras incursões em espaços e localidades diversas, bem como no imaginário do povo e de suas tradições que envolvem os lugares e seus habitantes, serve a muitos outros propósitos. Mostrar a região oeste do Japão, as credences populares e a cultura subjacente, resgatar os valores tradicionais das artes plásticas, dramáticas e literárias em paralelo com o avanço industrial e tecnológico do Japão e as influências ocidentais.

Na Primavera, o sair da hibernação ocorre com a viagem ao Santuário Konpira, em Sanuki. O trajeto é ricamente colorido pelas Ilhas In e Hyakkan e outras avistadas de dentro do barco e por outros pontos pitorescos que ele visita como o Kannon de Abuto, o Porto de Tomo, a Ilha Sensui de onde avista o Monte Cabeça de Elefante, o Templo Zenshū e Tadotsu, até chegar ao Santuário Konpira onde depara-se com a beleza artística das capas de obras literárias.

É nessa viagem a Onomichi, hospedado próximo ao Templo Senko, que o protagonista tem a idéia de casar-se com Oei e só então, Nobuyuki, seu “irmão mais velho”, revela-lhe a origem bastarda. Nesse momento, ficam claras as razões das “injustiças” que ele achava ter sofrido desde a

infância, assim como o motivo até então desconhecido da recusa de sua proposta de casamento a jovem Aiko.

Outra viagem semelhante é a que Kensaku faz à Quioto levado pela sensação agradável que a cidade lhe causara em visitas anteriores. Descobrimos sua origem bastarda, Kensaku, que voltara uma vez para Tóquio, busca alcançar a serenidade desejada na antiga capital japonesa. Hospeda-se no Higashi Sanbongi à beira do Rio Kamo e sai em busca de um refúgio agradável para fixar residência. A procura desse imóvel acaba por se transformar em visita a santuários e templos onde ele aprecia obras que acalmam o seu interior, a exemplo de *Honen Shōnin Ashihikinozō*, a Imagem do Monge Honen Manco, de propriedade do Templo Nison-In; *Hyōtan Dengyozu*, o Quadro de Cabaça e Peixe, e o fazem alcançar uma relativa paz espiritual.

Nessas andanças ele avista Naoko, a quem Takai, seu amigo pintor, compara à bela do *Biombo Torigedachi*. Os preparativos para arranjar o casamento com a moça ocupam vários capítulos e, nesse ínterim, Oei recebe carta de uma prima, propondo-lhe que a acompanhe a Coréia para abrirem um negócio, e ela parte antes do casamento de Kensaku e Naoko, que se realiza sem grandes pompas. A vida do casal transcorre tranqüila com pequenos passeios e carteados de *hanafuda*, com companheiros da carreira literária do protagonista e outros amigos, até o nascimento do primogênito Naonori, que logo adoece e depois de muito sofrimento vem a falecer ainda recém-nascido.

Após o deslize de Naoko durante a estada de Kensaku na Coréia e a dúvida sobre a paternidade da menina Takako que ela dá à luz, o protagonista reluta com a perda de seu autocontrole que culmina com o incidente de trem em que ele toma uma atitude agressiva para com a esposa. Insatisfeito com o seu ideal que não condiz com a sua atitude, ele mergulha mais uma vez na procura de equilíbrio espiritual partindo, desta vez, para uma peregrinação ao Monte Daisen. É interessante observar que a função terapêutica da viagem é mencionada na própria obra, como sugestão de um amigo de Kensaku. Este parte dizendo que iria retornar depois de alcançar a iluminação. Enxergamos aí o chamado *shukke*, hábito praticado desde os tempos mais remotos por Imperadores e por aqueles que já nos últimos anos de vida optavam pela reclusão em templos para aguardar a passagem para o outro mundo, na visão budista, o mundo para o qual se dirigem todos seres humanos, os quais estão apenas de passagem neste mundo terreno. Originariamente, esse ato designava o abandono do mundo secular por aqueles que aspiravam a carreira de monges e ingressavam na vida de reclusão religiosa em algum templo.

É quase no final da última parte do livro que Kensaku sai nessa viagem com destino ao Monte Daisen, um dos famosos montes sagrados no Japão. Passando pela cidade termal de Kinosaki, lança-se a conhecer outros lugares próximos, apreciando seus patrimônios culturais e em seguida, hospeda-se na cidade de Tottori, onde se limitou a viajar nas lendas locais contadas pela garçonete de um restaurante e a encher os olhos com as paisagens deslumbrantes de verão. Prossegue viagem rumo a pequena vila de Daisen e descobre que ainda terá um longo percurso, meio caminho de riquixá e o restante, uma escalada íngreme a pé. Durante a subida até o Templo Daisen, conhece várias histórias de pessoas dali por meio do condutor idoso que levou suas malas até o templo no alto da montanha.

O Pavilhão Amida torna-se o seu local preferido de refúgio para levantar questionamentos sobre os castigos que os seres humanos, orgulhosos de sua inteligência, receberiam pelas opções que fizeram rumo à destruição; sentir desejo de salvar a humanidade e refletir sobre os contrastes entre as criações da mãe Natureza e as criações humanas como o vôo do milhafre e do avião e outras mais encontradas ao longo da narrativa. No local, conhece pessoas que lhe servem de exemplos de uma vida difícil enfrentada com coragem e determinação e outras que deveriam ser exemplares, mas são poços de arrogância.

Finalmente, chega o dia planejado para a escalada ao topo da montanha quando Kensaku se coloca diante da grande natureza, mas desta vez, não na escuridão daquele navio rumo a Onomichi, mas no alvorecer. Altas horas da noite, ele sai com o guia no meio de um grupo de turistas.

Custa a acompanhar o ritmo da caminhada e sem saber que a indisposição que sentia era causada por uma intoxicação alimentar do pargo ingerido no dia anterior resolve parar para descansar. Recostado na relva, ouve a voz dos membros do grupo se distanciar e acaba completamente só. Sentiu mente e corpo diluírem-se no meio da grande natureza como se ele fosse uma papoula sem pétalas no meio dela. A noite estava calma, sem pássaros canoros e uma névoa fina não lhe permitia ver a claridade das vilas no sopé da montanha. Acima, só as estrelas. Achou que poderia morrer ali naquele momento, mas viu que se ligar à eternidade não significava morrer.

Adormece e ao despertar, um magnífico cenário descortina-se diante de seus olhos: um esplêndido alvorecer que simboliza o final da longa trajetória, o encontro com ele mesmo, que vale mais que a saúde física ameaçada, fazendo com que, de volta ao templo, em seu leito, Kensaku afirme: “eu agora estou com uma sensação realmente agradável” e a esposa que foi ao seu encontro, avisada de seu estado, declare para si mesma: “Salvando-se ou não, nunca me afastarei dele, irei para onde ele for”, como se pudesse transcender o tempo e o espaço.

Pontilhados político-sociais e histórico-culturais.

Todas as viagens são revestidas, em maior ou menor grau, de um significado histórico, social, político ou cultural. Isso pode ser notado na articulação da obra ao expor fatos aparentemente sem sentido e fora de lugar, como o receio que o protagonista mostra em ser alvo de desconfiança quando vai olhar novamente a vitrine de uma loja, interessado num relógio que desiste de comprar; o rapaz maltrapilho que avista no parque em que marcara encontro com um outro que estava interessado em sua irmã mais nova; o navio militar *Minotaur* aportado em Yokohama, o maior porto japonês na época e hoje, onde embarca rumo a Kôbe, a caminho de Onomichi; o jovem inglês recém-chegado dos Estados Unidos que embarca com ele no mesmo navio a caminho de Sidnei para ver a mãe enferma; o menino que desce correndo com uma vara de bambu gritando “Mate todos os inimigos!”; o navio mercante *OSK Lines* no Mar Interior de Seto; a moça que parece prostituta, filha de lavradores; a família do militar de bigode vermelho que encontra na viagem de volta à Tóquio no trem que pegara em Onomichi; a história contada pelo pesquisador de cerâmicas que encontra quando vai a Coréia sobre Bin Tokugen, de alta estirpe coreana, que virou um intrépido reacionário após ser enganado por um oficial japonês e foi condenado à morte; o caso de Kamekichi, jardineiro aproveitador, que se diz seguidor da Mestra da Igreja Tenri e muito outros.

Trajeto reúne, ainda, experiências de vida de mulheres que foram vítimas do amor e de seus deslizes enfatizando a cobrança rigorosa que a sociedade faz em relação a elas, muito mais que aos homens. Assim, a história de Okiku que o protagonista ficou conhecendo ao descer na estação de Osaka para comprar o souvenir que Oei lhe pedira; o destino trágico de Momoyakko que era filha bastarda; a vida de Omasa de Mamushi e a traição feita abertamente pela mulher de Take do Monte Daisen servem para ilustrar tal rigor e junta-se à desgraça do protagonista causada por duas mulheres, a mãe e a esposa, ironicamente as duas pessoas a quem mais amou e por quem se sentiu amado.

Os contrastes da já mencionada Criação da Natureza X Criação Humana, Beleza X Fealdade; Oriental X Ocidental, e a natureza variada das pessoas e das religiões polarizadas entre Bem X Mal, a quietude dos lugares e o momento histórico estão presentes na alma do autor e nos pontos que ele focaliza.

No confronto com os reveses da vida, Kensaku é dono de um pensamento e uma determinação que mantém a mesma atitude em todas as situações, e que se confirmam ao longo de sua trajetória. O seu “eu” mantém-se firme e intocável, e no final, consolida-se. A transformação

que podemos observar em Kensaku é semelhante à que ocorreu na vida de Naoya Shiga em relação à sua visão sobre as transformações do mundo, representadas pelas mudanças causadas com a Restauração Meiji, e sobretudo pela cultura ocidental na forma das artes, das ciências e das religiões.

O protagonista Kensaku, assim como seu autor Naoya, vai do gosto Ocidental para o Oriental. A falta de valorização inicial de Kensaku pelas artes orientais, fazendo uma depreciação dos objetos de arte vistos ou desfazendo-se de obras japonesas valiosas como o *ukiyoe*, vai mudando para uma identificação com elas, na aquisição da paz e da serenidade de espírito. Ao mesmo tempo, ele se volta para a tranquilidade que representam as artes orientais, e a paz que representa o zen, valores estes, orientais e não ocidentais, que estavam sendo importados e incorporados com adoração. A sua emoção pelo que é considerado um progresso, ou seja, o avanço tecnológico, simbolizado pelo avião, como diz Hirano Ken (1971), vai se transformando: no início, o que era motivo de assombro e de curiosidade com o avião Mart, vira uma constatação da tragédia gerada pela guerra contra a qual Kensaku, só na imaginação, pode transformar-se num elefante furioso motivado pela paisagem do Monte Cabeça de Elefante na viagem pelo Mar Interior de Seto, e depois, motivo de decepção com o acidente que causa a morte do avião Ogino. A admiração inicial vira uma reflexão sobre o que está de acordo com a Natureza, na comparação da máquina com a graciosa libélula. E no âmbito religioso, Kensaku mostra o seu receio pelo envolvimento das pessoas com as novas religiões surgidas no Japão no período pós Restauração Meiji, e, no final, volta-se cada vez mais para um estilo religioso oriental, mas sem se envolver institucionalmente.

Naoya Shiga, em sua vida, esforçou-se pela divulgação das artes ocidentais no período inicial da Revista Shirakaba, envolveu-se temporariamente com as idéias cristãs, mas posteriormente passa a valorizar as artes orientais, criando, inclusive, a associação Zauho, com essa finalidade, e volta-se para a filosofia oriental na integração com a Natureza.

Conclusão

Neste trabalho, detivemo-nos nas viagens enquanto deslocamentos espaciais e que faziam parte do fio narrativo, e não fizemos menção às incursões pelo mundo literário e seus significados, pelas artes tradicionais da pintura, da escultura e do teatro japoneses e nem pelos novos costumes ocidentais incorporados ao mundo do protagonista que se mostram como pequenos cronotopos entrelaçados, mas que no conjunto da obra tornam-se tão importantes quanto os fundamentais que os englobam.

Nascido da relação adúltera de sua mãe e seu avô paterno durante uma ausência de três anos do pai na Europa, o protagonista está fadado a enfrentar a repetição desse ciclo de infortúnio com a relação adúltera da esposa e o primo dela durante a viagem que ele empreende ao continente chinês. As crises decorrentes da revelação desses adultérios levam-no a processar uma transformação em si mesmo por meio de práticas que poderiam ser chamadas de uma ascese ao contrário, ou seja, por meio das viagens que o põe em contato com a Natureza e as Artes enquanto uma visão de mundo que nelas busca soluções e encontra a cura.

Não podemos esquecer que a viagem causadora da origem bastarda do protagonista é, em sua essência, uma viagem solução, ou seja, a viagem do pai do protagonista à Alemanha não tinha a expectativa e nem a intenção de gerar algum problema, muito pelo contrário, foi feita em busca de uma solução, de uma oportunidade, numa época em que o governo japonês estava ávido pelo crescimento do país e estimulava intercâmbios com os países estrangeiros para a formação de recursos humanos.

Nesse sentido, a viagem de Kensaku à Coreia também se reveste de um significado semelhante e essas duas viagens igualam-se às demais na medida em que visam à resolver uma situação, mas afastam-se destas que receberam um tratamento à parte designadas aqui de curativas.

As viagens a Onomichi, a Quioto e a Daisen, feitas, inclusive pelo próprio escritor, ligam-se a uma postura de vida de Kensaku, protagonista que carrega em sua sombra o autor, que consiste em resgatar a si mesmo por meio do distanciamento do problema e o contato com a Grande Natureza.

Como se pode ver pela vida do autor¹, diante do conflito com o pai, das dificuldades que encontrou na criação literária ou nos problemas de saúde de sua esposa na vida real, foi incansável na busca de um novo lugar que lhe possibilitasse harmonizar-se com a vida, e o autor trabalha com momentos efêmeros, porém precisos e decisivos na vida do homem japonês, como o são as viagens à Alemanha e à Coreia no destino de Kensaku enquanto um indivíduo da classe dominante à que pertencia a família Tokitō marcada por dois momentos históricos da sociedade nipônica.

Kensaku, inicialmente envolto pela cegueira sobre a sua identidade, vaga na escuridão. Está à procura do motivo dos desgostos que a vida lhe deu. Apesar dos choques e do sofrimento ele reconhece que é um produto e não o agente, e por isso mesmo, nada pode fazer além de aceitar a sua condição e encará-la da maneira mais positiva possível. Para ele, tudo se transforma em imposições da vida. Todos são vítimas do acaso, do destino, do momento histórico em que vivem. E o protagonista, acuado pelas contingências, só pode dar um grito silencioso e sobreviver. Kensaku busca a salvação nos mais diversos tipos de viagens, que como afirma Ianni (2003), é realmente capaz de mudar o significado do ser e do devir.

Assim, em Onomichi, o protagonista de *Trajatória* tenta encontrar a si mesmo, distanciando-se das mulheres das casas de chá e de Oei assim como da desconfiança que sentia em relação às pessoas, mas a imaturidade do tempo impede-o de alcançar o seu objetivo, levando-o primeiro a descobrir sua identidade. Em Quioto, procura recompor-se do choque da revelação de sua origem bastarda, purificando-se com as artes, e em Daisen, transcender os limites do ser humano, elevando-se acima da resignação e da aceitação.

O que há de comum entre essas viagens é o isolamento do protagonista do convívio social de seu meio, numa busca da preservação de seu “eu”, nos moldes dos retirados do século XII a XVII, salvaguardando-se em todos os momentos conflituosos e negros que o encobrem. Remetendo-nos à vida do escritor, observamos que ele também se afasta do convívio das pessoas em seus retiros, tão numerosos, na busca por uma oportunidade de se recompor e de se preservar.

O clima de trevas envolvendo Kensaku, que perpassa toda a obra, está presente na vida particular de Naoya Shiga, no conflito com o pai e no difícil convívio em sociedade, e, enquanto homem de seu tempo, na vida de limitações e imposições do Sistema Imperial que o Japão vivia. Mas ele não se vê em condições de ir de encontro com os problemas de seu tempo, e preserva a si mesmo, como a chama dentro da lamparina, incapaz de sair e incendiar, mas que aguarda uma tempestade que quebre o vidro que o aprisiona. De dentro do vidro, Shiga, com os olhos de Kensaku, observa o seu mundo, mas é incapaz de se rebelar. E só lhe resta salvaguardar-se, num protesto velado, maquiado pela obra literária.

Quando Kensaku parte de Yokohama e está no barco em meio à escuridão, sentindo ser absorvido por algo grandioso, a possibilidade de salvação está diante de seus olhos, mas ele não consegue agarrá-la porque continua resistindo. Isso prenuncia o resultado da vida em Onomichi, onde parece que seria salvo, mas não o é. Em Daisen, no entanto, ele não oferece mais resistência e liberta-se da intranquilidade.

Por isso, mesmo enfermo e tendo ao lado a companhia solidária de sua esposa, não importa se Kensaku irá sobreviver ou não, e sim, que ele consegue alcançar o estado almejado, consolidando o seu próprio “eu”, saindo de um longo percurso em meio às trevas e entrando no alvorecer.

¹ V.NAGAE, Neide Hissae. *A Vida de Naoya Shiga*, Revista de Estudos Japoneses, CEJ-USP, 2000.

Desse modo, Kensaku Tokitō, tal como diz o seu nome, é construído humildemente pelo tempo, e Naoya Shiga, na vida real, construiu a obra à mercê do tempo.

Referências Bibliográficas

- [1] BAKHTIN, Mikail V. *Questões de Literatura e de Estética, a Teoria do Romance* Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 4. ed. São Paulo, UNESP/Hucitec, 1988.
- [2] HIRANO, Ken. *Hinaro Ken sakka ron shû*. (Coletânea de estudos sobre autores por Hirano Ken). Tóquio: Shinchōsha, 1971.
- [3] IANNI, Octavio. “A metáfora da viagem”, in: IANNI, Octávio. *Enigmas da Modernidade*, 3ª. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- [4] NAGAE, Neide Hissae. *A Vida de Shiga Naoya*. Revista de Estudos Japoneses, CEJ – USP, 2000.
- [5] SHIGA, Naoya. *An'ya Kōro (Trajetória em Noite Escura)*. Tradução de Neide Hissae Nagae. São Paulo: Ateliê: Barcarola, São Paulo, no prelo.

ⁱ **Neide Hissae NAGAE, Professora Doutora de Língua e Literatura Japonesa**
(Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Assis, Departamento de Letras Modernas)
neidenagae@uol.com.br

ⁱⁱ *Trajetória em Noite Escura*. Tradução de Neide Hissae Nagae. São Paulo: Ateliê: Barcarola, São Paulo, no prelo.

ⁱⁱⁱ Pertenceu à corrente Shirakaba, cujos artistas e escritores assumiram a missão de reconstruírem a si mesmos a partir do vazio da devastação mental resultante dos movimentos literários anteriores e adotaram a forma literária de cunho autobiográfico conhecida no Japão pelo nome de Romance do Eu para a própria edificação pessoal. Naoya Shiga tornou-se famoso por suas obras de natureza introspectiva, que revelam uma postura ética em relação aos conflitos e à injustiça, pondo à mostra uma intensa postura de auto-afirmação. Consagrou-se com as obras curtas *Seibē e as cabaças*, *Em Kinokaki* e *O deus do menino*; com obras de extensão mediana como *Ôtsu Junkichi*, *Reconciliação* e *Akanishi Kakita* e com a única longa, que é *Trajetória em noite escura*.